
AMANSADOS PELA FÉ:

REFLEXÕES SOBRE AS FACES

DAS CONVERSÕES¹ DOS

PALIKUR*

Victor André Pinheiro Cantuário**, Cesar Augusto Mathias de Alencar***, Rauliette Diana Lima e Silva****

Resumo: *o artigo reflete sobre o processo de conversão dos Palikur, povo nativo do Estado do Amapá, ao catolicismo romano e, posteriormente, ao pentecostalismo a eles introduzido pelos missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL). Resgatando considerações de Arnaud (1984), Capiberibe (2001) e Passes (1998) a respeito e empreendendo esforço de compreensão dos condicionantes que provavelmente contribuíram para a efetivação desse evento, além dos já mencionados pelos autores de base, o artigo propõe, na condição de outro explicador, a possibilidade de escolha como iniciativa dos próprios Palikur, percebendo-se que se mantém um sistema de costumes e crenças integrando a cosmologia palikur, por um lado, e a fé cristã manifesta no catolicismo romano e no pentecostalismo missionário, por outro, evento este que finda por se inscrever na esfera dos processos de hibridização cultural. Nota-se, por fim, que, a despeito disso, as sucessivas intervenções de natureza religiosa impactaram de maneira profunda a cosmologia ancestral palikur em favor de um ideal de evangelização resultado de interpretações unilaterais das narrativas bíblicas.*

Palavras-chave: *Palikur. Cultura nativa. Cristianismo. Evangelização. Norte do Brasil.*

* Recebido em: 12.10.2020. Aprovado em: 11.03.2021.

** Doutorando em Estudos Literários (UNESP). Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia (UNIFAP/Campus Santana). *E-mail:* ve.cantuario@gmail.com

*** Doutor e Mestre em Filosofia (Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica, PPGLM/UFRJ). Professor do Curso de Licenciatura em Filosofia (UNIFAP/Campus Santana). *E-mail:* cescama@gmail.com

**** Especialização em Livre Docência para o Ensino Superior (UNAMA). Graduada em Filosofia (UECE). Professora do Curso de Licenciatura em Filosofia (UNIFAP/Campus Santana). *E-mail:* rauliette@unifap.br

PALAVRAS INICIAIS

O processo de reestruturação das culturas aborígenes, para um dado expectador externo, estende-se desde o momento em que se deu o aportar das primeiras embarcações portuguesas até os dias que correm, conforme se pode depreender do informado pela historiografia² que tem por objeto mapear a existência, as trajetórias, as visões e perspectivas dos povos nativos³ no território brasileiro.

Se antes, esses povos mantinham sua organização social orientada e definida por distintas cosmologias, compondo sistemas de filiação e distribuição espacial particulares, após o início do processo de colonização isso gradualmente se transformou e iria se agravar profundamente nos séculos a seguir.

Aliado a isso, efetuando-se um salto temporal, explicita-se no discurso do atual presidente a vinculação direta com movimentos religiosos evangélicos, apresentando uma possível interrupção e afastamento da tradição de separação entre Estado e Igreja, celebrada pela Constituição Federal de 1988, já que, em distintas ocasiões, o referido Chefe do Executivo manifestou-se patentemente a favor de uma religião, transportando essa mentalidade para a estrutura de seu governo, portanto, contrariando a própria definição disposta em seus discursos de que caminharia na contramão de qualquer possibilidade de ideologização da atividade política⁴.

Diante do histórico de sucessivas investidas vindas de fora contra suas culturas, os elementos que as compõem e seus modos de vida, os povos nativos brasileiros equilibram-se entre a adesão às novas formas de fé, que têm sido impostas por missões autoidentificadas como humanitárias, semelhantes às do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) e do Missão Novas Tribos (MNT)⁵, por um lado, e a manutenção e conservação de suas tradições, por outro.

Se pelos termos constitucionais, a postura assimilacionista em relação aos povos nativos foi substancialmente modificada e o resguardo das terras destes para usufruto próprio assegurado⁶, notícias recentes (CLARKE, 2020) confirmam que aquelas investidas não apenas prosseguem como se adensam e institucionalizam diante da visão unilateral de indivíduos dispostos a alcançar os últimos daquilo que seu olhar estrangeiro considera como povos nativos isolados.

Essa postura ignora as histórias pessoais de contatos e interações de tais povos com outras culturas a fim de defenderem, os missionários, sua presença humanizadora e salvadora, provocando conversões através de práticas que exalam proselitismo, como as observadas ao longo do território nacional no decorrer do século XX, promovendo apagamentos dos traços distintivos das culturas ancestrais e substituição por outros ao manifestarem que a “verdade” e a versão de mundo por eles divulgada é a única digna de prevalecer.

Apesar da perspectiva adotada, do desrespeito ao direito de manifestação dos povos nativos de serem os protagonistas no processo de busca por outros conteúdos culturais e não apenas expostos de fora para dentro a isso, não se pode negar que a própria ideia de conversão se inscreve no fenômeno do hibridismo cultural.

Assim, esclareça-se que a noção de hibridismo cultural (BARKER, 2004) aqui mencionada segue o entendimento de que a partir do momento em que duas ou mais culturas entram em contato e este se mantém constante, qualquer que tenha sido o motivador desse contato inicial (conflitos bélicos, colonização, missões religiosas etc.), novos sentidos, novos conteúdos e novas identidades surgirão como resultado.

Nessa esteira de pensamento, o presente artigo propõe alguns apontamentos e reflexões sobre o caso da conversão dos Palikur brasileiros ao catolicismo romano e, posteriormente, ao cristianismo evangélico de vertente pentecostal, resgatando considerações de Arnaud (1984), Capiberibe (2001) e Passes (1998) a respeito e empreendendo esforço de compreensão de outros condicionantes que provavelmente contribuíram para a efetivação desse acontecimento, além dos já mencionados pelos autores de base.

“NÓS ÉRAMOS BRABOS”, DIZ PALIKUR: CONVERSÃO COMO SINAL DE AMANSAMENTO E DESAGREGAÇÃO

De acordo com Arnaud (1984, p. 12), os Palikur estão entre os primeiros povos nativos habitantes do território brasileiro de que se têm notícias, remontando-se ao século XVI os indícios de sua existência e presença entre as terras do atual Estado do Amapá, localizado na região Norte, e da Guiana Francesa; habitando, no presente, do lado brasileiro, a Terra Indígena do Uaçá, no município do Oiapoque, cuja delimitação e reconhecimento ocorreu em 1991, conforme menciona Silva (2016, p. 36).

Falantes de uma língua pertencente à família Arawak ou Aruaque, esse povo nativo se autorreferencia Palikur, segundo informações colhidas por Capiberibe (2001, p. 26), porque compreende que tal denominação baliza temporal e culturalmente a região do Uaçá como sendo seu local de origem, de presença e de maior tempo de permanência.

Se no período que se estende do século XVI à primeira metade do século XX, os Palikur foram marcados pelo intenso contato com missionários da religião católica romana, a partir dos anos de 1960 até, aproximadamente, fins da década de 1970, impôs-se a eles a presença de missionários pentecostais vinculados ao SIL que, inicialmente, se identificaram interessados em realizar trabalho de natureza linguística, no entanto, registrando a língua desse povo em sua

modalidade escrita para, em seguida, traduzir trechos bíblicos e poderem desenvolver trabalhos de evangelização (ARNAUD, 1984, p. 50-51).

A página do instituto⁷ deixa clara a inspiração religiosa que orienta a sua missão e que, por meio do desenvolvimento de ações de ensino para aprendizagem da própria língua, as comunidades nativas expostas às suas ações seriam capazes de fortalecer sua identidade etnolinguística, mas, contraditoriamente, alcançariam o engajamento com os textos da religião confessada pelos membros do referido instituto.

Se séculos de exposição ao cristianismo romano não despertaram o interesse dos Palikur pela estrita prática religiosa e observância dos preceitos dessa fé, assim parece demonstrado pelas referências aqui resgatadas, foi necessário menos de uma década para que abraçassem, quase em sua totalidade, os preceitos do credo pentecostal, aceitassem os seus ditames, abandonassem costumes tradicionais, além de negarem uma organização social baseada na identidade e diferença com os demais povos que ocupam a região do Uaçá⁸, defendendo que tal mudança representou ganho e não perda para si mesmos.

Apesar de Silva (2016, p. 33) afirmar que o processo de evangelização e conversão dos Palikur transcorreu de maneira satisfatória, deixando transparecer, pelo seu apontamento, que não houve obstáculos, isso corresponde apenas parcialmente ao que outros relatos bibliográficos apresentam como tendo, de fato, ocorrido.

Para Arnaud (1984, p. 64) e Capiberibe (2001, p. 150-152), mudanças de hábito começaram a se desenhar a partir de fins dos anos de 1970, manifestando-se, a princípio, na saída forçada dos missionários do Amapá, devido a certas incompatibilidades com determinações advindas do governo brasileiro, o qual se mostrou pouco afeito ao trabalho desenvolvido pelos linguistas do SIL, e, conseqüentemente, no abandono de poucos Palikur da religião cultivada por aqueles e na retomada de alguns dos costumes tradicionais.

De todo modo, os efeitos de sucessivas intervenções e imposições de costumes e princípios religiosos externos, e as tentativas de assimilação marcaram a história dos Palikur a ponto de, após a crise indicada no parágrafo anterior, haverem retornado ao pentecostalismo, dessa vez não mais sob a influência estrangeira, porém, contando com seus próprios pastores e, constantemente, realizando “cruzadas para a conversão de seus vizinhos do Uaçá” (SILVA, 2016, p. 75).

Mas o que explicaria o relativo sucesso do pentecostalismo e o suposto declínio do catolicismo romano em se tratando da conversão e permanência dos Palikur na primeira dessas religiões e a opção por, aparentemente, abandonar sua cultura nativa assimilando, sem maior resistência e atritos, aquilo que fora divulgado pelos missionários norte-americanos?

Em sua pesquisa, Capiberibe (2001, p. 127-128) comenta que os Palikur construíram

uma imagem de si mesmos segundo a qual seriam **brabos**, possivelmente, os mais distintos por essa característica na região em que habitam, como se quisessem por esse traço demonstrar o seu distanciamento dos demais povos com os quais se viam obrigados a coexistir e também expressar que eram diferentes dos não-nativos, significando, ao seu turno, que eram os verdadeiros nativos.

Ter essa imagem no horizonte é importante, pois ela será objeto de refutação no momento em que atravessarem o processo de conversão, afinal, se em estágios anteriores eram dotados de uma brabeza própria e singular, depois que conheceram a mensagem contida nos evangelhos, foram amansados (CAPIBERIBE, 2001, p. 129).

Nenhum indivíduo particular e nenhuma organização de qualquer natureza havia até então alcançado tal resultado, mas esse redentor, cujos contornos foram apresentados pelos missionários, sim. E somente o aceitando é que poderiam ser salvos. Contudo, aceitá-lo competia renunciar à sua vida pregressa, o que implicou no exercício da negação de tudo em suas culturas que contrariasse os preceitos dessa nova fé: a bebida (o caxiri, por exemplo), as disputas (esportes), o modo de se vestir, de se relacionar (casamento), as festividades como a do Turé e o xamanismo, por um lado, e o abraçamento de toda uma nova forma de vida, por outro (ARNAUD, 1984, p. 49-50; CAPIBERIBE, 2001, p. 169-172).

Agora, os Palikur também estão condicionados à padronização ocidental de um antes e depois de Cristo, devendo trabalhar para viver, em conformidade com princípios bíblicos, organizar-se não mais espalhados em razão de seus atritos internos e com outros povos nativos, viver uma vida mais feliz e menos custosa (PASSES, 1998, p. 191), manter vestimenta e aparência condizentes com sua condição de amansados, quer dizer, civilizados e desenvolvidos, e participar ativamente dos eventos religiosos.

Para Capiberibe (2001, p. 152), os Palikur sempre deixaram claro que não foi o casal de missionários-linguistas do SIL os responsáveis pela sua conversão. Entretanto, conclui a pesquisadora, o trabalho de tradução de textos bíblicos e de alfabetização desses nativos foi uma das vias de acesso para que tal viesse a ocorrer e da maneira eficaz, mas não completamente passiva, como se passou, integrando, certamente, uma cadeia de eventos que incluiu a convivência com a cultura nativa objeto de estudo, o acesso à língua, a lenta e gradual apresentação dos preceitos de sua fé, até se alcançar o estágio da pregação em si.

Outro aspecto complementar se apresenta no argumento da semelhança entre determinados elementos da cosmologia e das práticas xamânicas palikur e de narrativas bíblicas e práticas pentecostais, estas últimas utilizadas pelos evangelizadores e ocupando um lugar de destaque no processo de conversão dos nativos. No entanto, supõe-se que outro caminho explicativo além desse estaria no

próprio histórico de contato dos Palikur com expoentes religiosos da cultura europeia.

Alguns desses pontos de contato se expressam na percepção da identidade entre o transe xamânico e o pentecostal, o falar em línguas, também comentado por outro autor de base e descrito adiante, a similaridade entre os conteúdos das mitologias palikur e bíblica, tendo-se de considerar em que medida contribuíram mais ou menos para o êxito no processo e na permanência dos nativos no cristianismo evangélico.

Registrado por Capiberibe (2001, p. 245-250), um exemplo que ilustra as semelhanças entre o conteúdo bíblico e os mitos nativos pode ser acompanhado na narrativa do mito do dilúvio palikur, segundo a qual um de seus ancestrais trabalhava em uma canoa quando foi alertado por um homem-pássaro de origem divina que deveria abandonar o trabalho, ir aos seus familiares e conhecidos alertá-los para todos construírem um grande pote de quinhentos anos que serviria para se abrigarem porque Deus iria destruir o mundo com água, mas eles sobreviveriam.

Assim, o nativo obedeceu e iniciaram a construção, no entanto, após trezentos anos, alguns desistiram acusando o mensageiro de ser mentiroso. Terminado o trabalho, o homem-pássaro retornou, ordenou que somente os envolvidos na construção, a família do nativo, entrassem no pote em companhia de animais que ele o vedaria pelo lado de fora. O restante da narrativa, com algumas disparidades, acompanha de perto o mesmo roteiro do texto bíblico que culminou no repovoamento do mundo.

Esse e outros mitos que compõem a cosmologia palikur permitem compreender que, longe de haver estranhamento, houve adesão por afinidade, mais ainda se se levar em conta que alguns aspectos das narrativas ancestrais dos palikur sustentam um forte tom de repreensão contra algumas condutas que são alvo de severas críticas por parte da religiosidade pentecostal.

Exemplo, na narrativa citada, é o comportamento desregrado (dançando, cantando, bebendo) que alguns tiveram enquanto a família do nativo se abrigava no pote, ou também a justificativa da corrupção da humanidade, no mito da origem do mundo, quando, abrigadas em uma caverna com o pai, três filhas são induzidas por uma outra personagem, identificada como a personificação da maldade, a copular com ele, depois de o embriagar (CAPIBERIBE, 2001, p. 243).

Interessante que, mesmo em suas narrativas ancestrais, dado o contato que tiveram por séculos, os Palikur já inseriram elementos do cristianismo como o vinho utilizado pelas filhas para embebedar o pai e a própria imagem de Deus como o criador e destruidor de tudo no mito anterior.

Em complemento, a despeito de não parecerem ter manifestado grande interesse pelo catolicismo romano, os Palikur conheciam sua doutrina, o que consideravam como sua excessiva permissividade e tolerância para com o álcool, o fumo, a dança,

a vestimenta, comportamentos que produzem desvio e pecado, bem como suas imagens que eram motivo de desdém e sarcasmo ou ainda sinais de satanismo e idolatria que deviam ser fortemente rechaçados (PASSES, 1998, p. 222).

Ao serem apresentados à versão dos missionários de um deus misericordioso, de céu, inferno, pecado, arrependimento, perdão e salvação, portanto, não se defrontaram com algo diferente ou desconhecido, mas que já lhes era familiar há séculos. Então, o que havia de novidade nessa segunda versão do cristianismo?

Sugere-se, além dos motivos explorados pelos autores de base, que o interesse pessoal, a possibilidade da escolha, a opção por algo a mais é que poderia explicar a mudança dos Palikur, isto é, “não são vítimas de uma fatalidade mas agentes de seu destino. Talvez escolheram mal. Mas fica salva a dignidade de terem moldado a própria história” (CUNHA, 1992, p. 19).

Aliado a isso, somam-se as expectativas pessoais, elevadas à coletividade, dos ganhos morais, emocionais, sociais e materiais que poderiam ser adquiridos com tal adesão (PASSES, 1998, p. 193), contudo, bastante condicionados a uma série de movimentos marcados por invasões culturais e comportamentais profundas que teriam, a longo prazo, o condão de modificar de maneira incontornável a estrutura orgânica do povo nativo em foco.

Assim, confrontados com versões de um fenômeno, poderiam ter recusado ambas e seguido em sua trilha cultural, entretanto, o interesse despertado por uma dessas versões, interesse coletivo, diga-se de passagem, pois quando se deu a conversão, não contou com a adesão de apenas um número reduzido e quando se deu o abandono, de igual forma foi acompanhado por mais de um Palikur, foi compartilhado e não um evento individual.

E essa adesão coletiva, a formação de um arranjo tecido de maneira coesa, é possível de se observar pela própria participação e integração dos membros da comunidade palikur durante as celebrações religiosas que pela sua natureza estrutural demandam esse tipo de rede de associação⁹.

O que permite compreender estarem os Palikur, nesse estágio demarcado pela presença dos missionários pentecostais, longe da mera passividade. Se no passado algo lhes foi imposto, contrariando sua vontade de escolha, e rechaçado, encontrando apoio exatamente nisto, no presente, a escolha, favorável ou não, cabe-lhes unicamente, sinalizando que exercem o pleno direito de decidirem por quaisquer motivos que lhes soem adequados.

Apesar disso, não se pode furtar de críticas a presença de agentes externos munidos de intenções outras que o conhecimento para fins de descrição ou estudo das manifestações culturais nativas. Imiscuindo-se com ou sem o assentimento das autoridades públicas de determinado local em terras ocupadas e habitadas por povos nativos, em sinal de flagrante desrespeito àquilo que legalmente está assegurado como direito a estes povos e, mais ainda, pelo significado que tal

gesto adquire de contrariar a tradição constitucional de um Estado brasileiro laico e que respeita a liberdade de crença, de pensamento e afins, segundo expresso, por exemplo, nos incisos IV e VI, do art. 5º, da Carta de direitos (BRASIL, 2020, p. 11).

Posto dessa forma, o risco de os Palikur crerem estar escolhendo quando, de fato, estão apenas encenando um jogo previamente determinado, composto de opções limitadas, é duplamente maior, afinal, nessa posição, servem de joguetes de indivíduos dotados de um poderoso arsenal de conceitos e clichês selecionados e editados para serem absorvidos sem dificuldades pelo grupo alvo, o que toma contornos de experiência. E, nesse caso, transpõem-se os limites da interação e da possibilidade de escolha e adentra-se no da doutrinação e da alienação estrutural e cultural.

Estrutural porque pretende modificar a forma de funcionamento e organização de um povo mantida por séculos ou mais, portanto, perfeitamente funcional, propondo, em seu lugar, de maneira supostamente humanitária, uma nova estrutura que teria a finalidade de reunir o disperso, unificar o diverso, formatar as diferenças de linguagem e pensamento, cobrindo com o manto da harmonia as novas desigualdades que haverão de brotar e dificilmente serão percebidas porque todos são iguais e tudo cabe a todos.

Cultural porque os efeitos de cada uma das modificações operadas no nível anterior serão sentidos nas ações de negação, troca e substituição, quer dizer, o deus, os símbolos, sacramentos, santos dos católicos romanos são inferiores porque demandam intermediários. Por outro lado, o deus e os benefícios da religião dos missionários são superiores, pois, na verdade, concluem os Palikur, não precisamos de nada nem de ninguém que sirva de meio-termo entre nós e deus, inclusive nem de padres, muito menos de nossos xamãs.

Esse aspecto é explicado por Capiberibe (2001, p. 167-168) nos seguintes termos: “ser católico era basicamente ouvir falar sobre um Deus, porém um Deus impalpável e desconhecido, crer em um mundo sagrado feito de imagens desprovidas de vida e de qualquer imanência divina”. Ao seu turno, “a religião evangélica apresenta um Deus próximo e manifesto” que pode se comunicar através “das escrituras; da manifestação em seres da natureza; dos sonhos; do canto que estimula, o mais radical de todos os modos de comunicação com Deus, o batismo com o Espírito Santo.”

Importante mencionar que essa característica de alguns segmentos do pentecostalismo e de movimentos de renovação do catolicismo romano de ressaltar o protagonismo da terceira pessoa da trindade (o Espírito Santo), cujo simbolismo é o fogo que desceu sobre os apóstolos reunidos (Atos 2,3-4), denominado pelo fenômeno da glossolalia, isto é, o falar línguas que não se conhece, está presente nas anotações de Arnaud (1984, p. 45) sobre os Palikur, quando o autor

descreve um episódio envolvendo uma sessão conduzida pelo xamã em que o contato deste com seu ajudante adquiriu feições daquele fenômeno, pois resultou da junção do palikur, do patoá ou *patois* e do português.

Outro aspecto necessário de se explorar, do processo de contato dos Palikur com não-nativos, é a autoridade concedida por aqueles à escrita, já que sua convivência com agentes externos à sua cultura e modos de vida, pelo que se sabe, estende-se por séculos, e não se deve descartar o fato de que a inserção desse elemento pode ter contribuído significativamente para a sua conversão, afinal, de acordo com a nova mensagem recebida dos missionários, os Palikur agora podem ter acesso direto a esse deus reformulado e também o podem fazê-lo, em sua língua materna, pela leitura daquilo que é divulgado como sendo produto das próprias palavras dessa entidade divina: a Bíblia.

E não se nota, pelas descrições e observações dos autores de base, que muitos Palikur, após a conversão, tenham se indisperto com a estreita doutrina dos missionários que compôs o núcleo da sua nova fé, pois mantiveram-se, os que chegaram a ser alfabetizados, firmes na leitura constante dos textos bíblicos porque fonte de conhecimento da verdade com inicial maiúscula, e lamentavam-se, os demais, de estarem distantes do seu deus, identificando o analfabetismo como responsável, em parte, pelo desvio e pelo vacilo para com o divino (CAPIBERIBE, p. 175).

Além dos estímulos discursivos, presentes nos textos e nas falas dos pastores Palikur, outros mais fizeram parte da permanência e confirmação dos nativos no pentecostalismo, entre os quais, reproduções audiovisuais, visto que, comenta Capiberibe (2001, p. 181):

Pode parecer irônico e invertido um filme, uma reprodução de imagens e histórias, provar que a Bíblia Sagrada está falando a verdade, afinal de contas quem veio antes? Porém, para um Palikur isso faz todo sentido, uma vez que o olho que vê para crer não está restrito à religião, vai muito além dela, é como se o mundo tivesse que ser visto para ser pensado.

Apesar do atual desdém que os Palikur nutrem e expõem a respeito do catolicismo romano, fica patente, pelas leituras realizadas, que este próprio serviu de vislumbre inicial para a conversão dos nativos e não o novo contato e a tradução de trechos bíblicos unicamente, pois a partir destes eventos puderam estabelecer comparações, as quais foram fundamentais para o resultado atingido.

E, como pontuado anteriormente, não houve plena, constante e inquestionável conversão, pelo contrário, houve momentos de vacilo e retorno às suas tradições culturais ou a práticas do catolicismo romano (PASSES, 1998, p. 194). Um traço das religiões pentecostais que pode ter favorecido a permanência dos Palikur

em seu seio, já que, na ocorrência do desvio, por alguma fraqueza tipicamente humana, reputada como sendo da carne, as portas sempre estariam abertas para um possível retorno (CAPIBERIBE, 2001, p. 206).

A possibilidade do arrependimento *per se*, para voltar a se congregar com seus irmãos, torna-se um princípio bastante atrativo, pois não importa o número de vezes que se incorrer em falha ou desvio, a caminhada na via reta, a volta à obediência, a observância das regras é um horizonte constantemente visível.

Por isso, considera-se que se nenhum desses eventos houvesse acontecido, seria até possível propor e defender o argumento da conversão pentecostal como um fim em si mesma e centrada na similaridade estabelecida entre a cosmologia ancestral e os símbolos do cristianismo missionário, questão que o caso em tela não permite nem sustentar, nem corroborar integralmente, senão com ressalvas pontuais.

E essa perspectiva é fortalecida pelas queixas apresentadas a Passes (1998, p. 195) por alguns informantes Palikur, os quais lamentam em tom de provocante denúncia “a destruição da cultura tradicional, suas apreensões sobre a completa perda dela [da cultura] para as gerações futuras, e seu desejo de recordar, resgatar e, em alguns casos, ressuscitar algumas de suas configurações” essenciais.

Pelo que se lê nos autores de base e em outros textos que tratam da conversão de povos nativos¹⁰, depreendem-se basicamente três tendências destes em relação às manifestações religiosas que lhes são trazidas por não-nativos: uma que se configura na aceitação integral dos novos preceitos; outra que se expressa como rejeição integral dos novos preceitos; e ainda uma terceira que se manifesta na parcial assimilação dos preceitos da nova fé, sem que se perca de vista as raízes culturais e, portanto, cosmológicas responsáveis pela formação de uma mentalidade particular e visão de mundo.

Diante disso, nota-se que os Palikur estariam mais inclinados à terceira tendência, pois transitam entre os três sistemas de fé que lhes foi possível conhecer, até o momento: o seu, o do catolicismo romano e o pentecostal. E se a este último, no presente, parece ser dado maior destaque e gozar de maior aceitação entre o povo nativo em foco, é lícito, ao menos, pensar que em outro momento de sua história venham a escolher algum dos outros dois, realizar outras formas de síntese dos três ou ainda optar por outros sistemas de crença que lhes sejam apresentados ou que busquem conhecer por iniciativa própria.

Resta reconhecer que mesmo com os avanços metodológicos alcançados por algumas áreas do conhecimento, desenvolvendo ferramentas de coleta de dados, de descrição e análise que podem ser consideradas eficazes quando aplicadas em determinados estudos envolvendo sujeitos humanos, as reais e mais profundas motivações que os inspiram a algo, ainda que francamente confessadas em entrevistas e afins, são de conhecimento privado, isto é, pertencem na sua tota-

lidade e completude a esses sujeitos e o mais competente pesquisador apenas arranha a superfície da elaborada arquitetura de suas personalidades.

Dito isto, dos Palikur ainda se ressalva que, por mais “abertos” e dispostos a colaborar e ao franco diálogo que tenham se demonstrado, no tocante às suas sucessivas conversões religiosas, as mais detalhadas ou intrincadas descrições que pretendem explicar esse processo e prendê-lo na teoria, qualquer que seja, diante de suas limitações inevitáveis, detêm-se, como se entende ser, no eixo do dizível e do improvável.

Resta supor que o edifício discursivo e explicativo erguido com o auxílio deles, dos Palikur, bem como se chega a conhecer do contato analítico com as narrativas cosmológicas de outros povos nativos, tenha bases que a despeito de sua contestável solidez permita a sua vívida permanência no domínio do pensável.

PALAVRAS FINAIS

Qual o futuro dos povos nativos no Brasil? A depender da vontade dos agentes que atuam na política profissionalmente e olham com desconsideração para aqueles, do entendimento bastante díspar e ambíguo de parte da sociedade civil e de suas concepções ancoradas em visões folclóricas ou estilizadas sobre tais povos e da maneira como a história das culturas nativas transcorre graças a ambos, é, inevitavelmente, a extinção ou, no melhor dos casos, a assimilação total com índices consideráveis de diminuição das suas populações¹¹.

Pode soar negativo esse comentário, no entanto, se guardadas as proporções do que historicamente vem se desenhando no horizonte dos povos nativos brasileiros, que antes de serem assim qualificados, são povos nativos, das incidências de violência e desapropriação contra si, das invasões de terras culturalmente habitadas, demarcadas ou ainda por se demarcar, das políticas públicas praticadas a fim de atender a grupos de interesse, interessados justamente nas terras e nos recursos que estas contêm e outros pontos que se poderia citar, bem longe de ser negativo, pessimista e afim, o comentário reflete uma realidade que se avizinha.

Diante da demonstrada força de cooptação das frentes parlamentares e bancadas temáticas, não se consegue conceber que as agressões aos direitos desses povos haverão de ser freadas para que as culturas nativas assumam o protagonismo social que lhes tem sido negado sucessiva e frequentemente. Essa é uma constatação inconveniente que, se aceita, pode mesmo ter efeitos transformadores, mas, igualmente, incômodos para determinados setores.

Postas como condutas privilegiadas e incontornáveis, tanto as práticas e missões de evangelização quanto o enfraquecimento das políticas nacionais de proteção às populações nativas virão a amargar ou a sua diminuição a porções mínimas.

Evidente que o olhar externo, estrangeiro, supõe e pode apenas supor uma série de possibilidades: que os nativos são e estão desprotegidos, precisando urgentemente

de auxílio; que, dado o seu descontentamento disto ou daquilo, vivem na ignorância e precisam ser esclarecidos, não importa o modelo ou a base ideológica que se lhes aplique etc.

Mas em todos esses processos externamente impostos de apropriação e desapropriação, como etapas do fenômeno da hibridização cultural, os povos nativos têm sido objeto e não sujeito: objeto de debate, de curiosidade, objeto de revolta, de piedade, de salvação, objeto de cobiça, de ridicularização, de lamento, a lista seguiria.

Quando apenas modelos de realidade ou perspectivas de mundo lhes foram apresentadas como obrigação, ou escolha parcial, seja de religiosos e missionários, seja de pesquisadores, seja dos funcionários de algum órgão público ou privado, sempre o mesmo roteiro é seguido para ser encenado. E em nenhum desses momentos ou casos se percebe que a iniciativa tenha partido deles, dos povos nativos, e sim dos outros. E cada um deles que era um eu, torna-se o outro do suposto eu informado, esclarecido.

Ainda que hoje a visão dos órgãos governamentais que desenvolvem atividades voltadas para os povos nativos seja de respeito à sua autonomia e iniciativa de busca, de demanda por alguma coisa, prossegue sendo, particularmente, frágil e incompleta a versão da história na qual eles foram os primeiros a buscar, a se associarem, ao contrário, foram os primeiros a quem se impôs algo. E a fragilidade reside, principalmente, no fato de quem é o autor do texto escrito e qual a perspectiva adotada por tal narrador para o registro histórico.

Não se ignora o fato de que, no passado, povos nativos, agentes fazedores de sua própria história e promulgadores de suas próprias políticas de relação e convivência, com intenções específicas se aliaram aos não-nativos para atingirem fins determinados (CUNHA, 1992, p. 18). Da mesma forma, não se ignora que, no presente, se associem a religiões à primeira vista assimétricas às suas crenças e cosmologias ou adiram a valores morais desconformes aos seus com algum objetivo em mente que somente a eles compete.

O caso em tela, da conversão dos Palikur primeiro ao cristianismo católico romano, em seguida, ao cristianismo pentecostal, une-se ao de milhares de povos nativos em diversos países que foram sujeitados a processos de violência, despersonalizados, culturalmente empobrecidos, etnicamente fracionados, mesmo que em seus discursos demonstrem ou expressem sentirem-se melhores, mais felizes por terem sido apresentados a essas novas realidades que, por desconhecerem, referem-se como superiores àquelas nas quais viviam, brabos que eram, repetindo o repertório vocabular dos não-nativos: deus, pecado, culpa, perdão, bênçãos, salvação.

Sem propor argumento em favor de algum purismo cultural, mas compreendendo-se que o ambiente cultural contemporâneo é marcado por processos de hibridis-

mo, nos quais se evidenciam relações de negociação, troca, perda e ganho, entende-se que o perceptível nessas ações de evangelização se inclina como movimento de desagregação e exclusão, efetivado na quebra de cosmologias ancestrais, tendo-se conhecimento de que é a partir de suas cosmologias¹² específicas ou compartilhadas que os povos nativos estruturam toda a sua existência social, o que pode resultar em uma perda não somente de significados e conteúdos simbólicos, mas também de hábitos e formas de pensamento, as quais sejam capazes de contribuir para a identificação das raízes de problemas sociais cotidianamente vivenciados no contexto social brasileiro.

Se a verdade que conheceram por intermédio de terceiros supostamente os libertou, por ter se conformado com suas possíveis aspirações, no entanto, à luz do que se expôs e se pode perceber, olhando de fora, essa verdade é uma entre tantas, e se possui o poder de transformar, não é pelo incômodo que causa, mas pelos benefícios que potencialmente traz consigo, benefícios estes considerados válidos para aqueles que os abraçaram.

Apesar desses apontamentos, não se pode deixar de considerar que, inscrevendo-se no cenário das trocas possibilitadas pelo encontro de duas matrizes culturais distintas, reflexo do hibridismo nesse campo de estudos que é a cultura, o processo de conversão dos Palikur permite constatar o caráter plural e nada fixo das culturas humanas, pois capazes de serem modificadas, de sofrerem intervenções, alterações em suas configurações essenciais, serem redefinidas sem que necessariamente se obtenha como resultado um produto negativamente deformado, mas significativamente diferente.

Se se pôs mais em foco o aspecto da escolha pela conversão ao pentecostalismo, baseada em um sistema de credos preexistentes, escolha esta realizada pelos Palikur como um condicionante complementar ao que vem sendo defendido em alguns trabalhos versando sobre a cultura desse povo nativo do Norte do Brasil, foi justamente por se perceber não ser possível integralmente sustentar a passividade daqueles como elemento-chave explicativo do evento que se passou.

Ao escolherem, os Palikur demonstraram estarem conscientes dos conteúdos postos em xeque para serem negociados. E pela escolha, externalizaram que os acréscimos superavam as prováveis perdas porque contribuía para a constituição de um novo horizonte identitário e para o aprofundamento de uma mentalidade que vinha há séculos sendo exposta ao contato e o compreendia como uma forma de estar no mundo, de existir, afinal, se pelo estranhamento com outros povos nativos a sua própria personalidade havia sido moldada e definida, por que, obrigatoriamente, o choque com aqueles vindos de fora de seu grupo social deveria representar tão somente ameaça e submissão?

No movimento causado pelo processo de adesão ao pentecostalismo, os Palikur resignificaram a palavra amansado. Para eles, se ser amansado não apenas con-

trariava o ser brabo, característica evocada como remetendo a um passado específico, mas o conhecer a palavra daquele Deus piedoso e salvador, o termo também adquiriu o sentido de evoluído, de sujeitos capazes de se apropriar de algo externo ao seu *milieu* e de trabalhar para que, posteriormente, alcance um significado mais íntimo, menos estrangeiro, até mesmo mais nativo.

Entretanto, qualquer que seja a escolha feita por um determinado povo nativo, seja, por exemplo, de natureza religiosa, política ou econômica, é importante que cada vez mais seja uma escolha que efetivamente pareça motivada pelo seu interesse em conhecer e realizar trocas culturais, e cada vez menos ação de grupos ou indivíduos com interesses bem definidos sobre quais os resultados pretendem atingir com suas investidas e quais os efeitos que pretendem causar em um dado grupo étnico.

TAMED BY FAITH: REFLECTIONS ON PALIKUR'S CONVERSION FACETS

Abstract: *the paper discusses the Palikur's conversion process, native people from Amapá, Northern Brazil, firstly to the Catholicism, then to the Pentecostalism, this one introduced by the Summer Institute of Linguistics (SIL) missionaries. Retrieving considerations by Arnaud (1984), Capiberibe (2001) and Passes (1998), regarding and undertaking an effort to understand the conditions that probably contributed to the realization of this event, in addition to those already mentioned by the base authors, the article proposes, in the condition of another explainer, the possibility of choosing as an initiative of the Palikur themselves, realizing that a system of customs and beliefs is maintained integrating the Palikur cosmology, on the one hand, and the Christian faith manifested in Roman Catholicism and missionary Pentecostalism, on the other, an event that ends up being part of the sphere of cultural hybridization processes. Finally, it should be noted that, despite this, successive religious interventions had a profound impact on the ancestral Palikur cosmology in favor of an ideal of evangelization resulting from unilateral interpretations of biblical narratives.*

Keywords: *Palikur. Native Culture. Christianity. Evangelization. Northern Brazil.*

Notas

- 1 Ao discutir neste artigo conversão religiosa, como categoria conceitual, o entendimento é que, tendo em vista o caso dos Palikur, a conversão se tornou possível porque o novo trazido pelos missionários pentecostais já era conhecido, e além disso, compatibilizava-se com a cosmologia ancestral de tal maneira que em vez de produzir estranhamento, ocasionou efeitos aparentemente positivos. Essa proposta de conversão religiosa, baseada em um sistema de credos preexistente, é explorada por Norris (2003).
- 2 Dentre os textos de valor pelas informações que contém sobre essa matéria, recomenda-se a coletânea organizada por Cunha (1992), referenciada.

- 3 Apesar de outros termos já consagrados na historiografia e nos estudos antropológicos e de uso mais corrente, opta-se pelos designativos “povos” e “culturas nativas”, pretendendo-se atestar a sua anterioridade e primazia às culturas aqui estabelecidas por processos como o da colonização europeia.
- 4 Cf. acerca disto em Discurso (2019).
- 5 Sobre essas instituições, Capiberibe (2001, p. 153) diz tratarem-se de “missões de fé de origem fundamentalista, uma linha de pensamento religioso que propõe a leitura literal da Bíblia”.
- 6 Cf. Art. 231 (BRASIL, 2020, p. 118-119).
- 7 Cf. ABOUT SIL. Disponível em: <https://www.sil.org/about>. Acesso em: 04 out. 2020.
- 8 De acordo com o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPE), habitam a Terra Indígena do Uaçá, os Galibi Marworno, os Karipuna, os Palikur Arukwayene. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/areas-de-atuacao/>. Acesso em: 04 out. 2020.
- 9 Recomenda-se a conferência das imagens e do vídeo contidos na reportagem de Santiago (2014).
- 10 Sobre esse quesito, recomendam-se os dois volumes de Wright (1999; 2004).
- 11 Os relatórios do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a publicação *Congresso anti-indígena* da mesma entidade dão uma dimensão do atual cenário em que vivem política, social, cultural e legalmente as populações nativas. Disponível em: <https://cimi.org.br/>. Acesso em: 06 out. 2020.
- 12 “Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade dos povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual”. Sobre isto cf. Luciano (2006, p. 31).

Referências

ARNAUD, Expedito. Os índios Palikúr do rio Urucauá: tradição tribal e protestantismo. Museu Paraense Emílio Goeldi. *Publicações Avulsas*, Belém-PA, n. 39, 1984. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/908/1/P%20Avul%20n39%201984%20ARNAUD.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

BARKER, Chris. *The SAGE dictionary of cultural studies*. London, UK: Sage Publications Ltd., 2004. p. 89-90.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

CAPIBERIBE, Artionka Manuela Góes. *Os Palikur e o cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2001.

CLARKE, Xilonem. Missão Novas Tribos: a história dos evangélicos no comando da Funai. *El País*, 08/02/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-02-08/missao-novas-tribos-a-historia-dos-evangelicos-no-comando-na-funai.html>. Acesso em: 04 out. 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução à uma história indígena. In: CUNHA, Manuela

Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 11-24.

DISCURSO do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional. 01/01/2019. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>. Acesso em: 04 out. 2020.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NORRIS, Rebecca Sachs. Converting to what? Embodied culture and the adoption of new beliefs. In: BUCKSER, Andrew; GLAZIER, Stephen D. (eds.). *The anthropology of religious conversion*. Oxford, UK: Rowman & Littlefield Publishers, 2003. p. 171-181.

PASSES, Alan. *The Hearer, the Hunter and the Agouti Head: aspects of intercommunication and conviviality among the Pa'ikwené (Palikur) of French Guyana*. Thesis (Doctor of Philosophy) – The University of St Andrews, 1998.

SANTIAGO, Abinoan. Índios deixam costumes tradicionais e viram evangélicos em aldeia, no AP. *GI AP*, 09/06/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/06/indios-deixam-costumes-tradicionais-e-viram-evangelicos-em-aldeia-no-ap.html>. Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, Elissandra Barros da. *A língua Parikwaki (Palikur, Arawak): situação sociolinguística, fonética e fonologia*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

WRIGHT, Robin M. (org.). *Transformando os deuses*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999; 2004.